



# doutorzinhos

QUANDO A ALEGRIA VAI AO HOSPITAL

Top Cidadania – 2018 ABRH-RS

RESPONSÁVEIS PELO CASE:

Maurício Perondi Bagarollo

Rosangela Meyer Neibert

Ligia de Azambuja Gomes Carneiro

Sinopse	1
Objetivo do Case	2
Introdução	3
Corpo do Trabalho	7
Resultados Obtidos	17
Conclusão	19
Bibliografia	20
Autores	21



Este case apresenta o trabalho da ONG Doutorzinhos, pioneira em Porto Alegre no âmbito da humanização em saúde com a linguagem do palhaço. A ONG está presente em onze hospitais e uma entidade de atendimento a crianças com múltiplas deficiências. Seu objetivo é transformar o ambiente hospitalar levando alegria a pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde.

Os voluntários da ONG atuam em duplas ou trios de doutores palhaços, realizando visitas regulares, sempre na mesma instituição, dia da semana e horário. Durante o ano de 2017 os 89 voluntários impactaram cerca de 175 mil pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde nas 1.433 visitas que realizaram. Para 2018 a expectativa é que se atinjam 185 mil impactados. Além das apresentações nos hospitais, são realizadas atividades de apoio a campanhas de saúde desenvolvidas e/ou apoiadas pelas instituições onde está presente.

Há duas edições anuais de seleção e formação de voluntários. Depois de formados, eles participam de processo constante de aperfeiçoamento, através de Encontros de Duplas, Clownsultas e Workshops com profissionais da arte.

Há, ainda, a divulgação da arte do palhaço para a comunidade, com as oficinas *Formação de Jovens Palhaços*, *Brincando na Melhor Idade* e *Clown para Curiosos*. Todas as atividades dos Doutorzinhos são viabilizadas por meio de projetos financiados pela Lei Rouanet. (Ver no anexo o Projeto 2018).



*“Rir é o melhor remédio”* – Ditado popular

A ONG Doutorzinhos tem como objetivo promover a humanização do ambiente hospitalar por meio da arte do palhaço. Para tanto, reúne voluntários que atuam regularmente em hospitais de Porto Alegre, como Doutores Palhaços. Dessas instituições, 84% possuem atendimento pelo SUS. No ano de 2017 a ONG impactou cerca de 175 mil pessoas, entre pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde, nas seguintes instituições:

#### Locais de atuação (por ordem de antiguidade)

Hospital da Criança Santo Antonio	
Hospital de Clínicas de Porto Alegre	
Instituto do Câncer Infantil	
Kinder – Centro de Integração da Criança Especial	
Hospital de Pronto Socorro	
Hospital São Lucas da PUCRS	
Hospital Dom Vicente Scherer	
Hospital Santa Rita	
Hospital Moinhos de Vento	
Hospital São José / Pavilhão Pereira Filho	
Hospital Mãe de Deus	

A atuação dos Doutores Palhaços tem comprovado impacto terapêutico junto aos pacientes, e contribui para a melhoria das relações entre pacientes e equipe dos hospitais, conforme apontam os estudos citados no corpo deste trabalho.

*“A área da saúde reagiu à experiência da alegria tal qual uma criança que, entrando em contato com seu lado mais saudável, resgata o controle sobre seu corpo, sua vida e encontra, em si própria, a força para promover mudanças”.* – Wellington Nogueira<sup>1</sup>

O hospital, tal como o conhecemos atualmente, nasceu do encontro de duas instituições: o hospital ou enfermaria militar de campanha, destinado ao atendimento de feridos em batalhas; e os hospitais fundados a partir do século IV pelo clero cristão. Enquanto que os primeiros tinham como foco atender aos feridos em situação de emergência, os segundos tinham o objetivo de abrigar pessoas doentes, loucas ou abandonadas, sendo uma combinação de hospedaria e asilo. A qualidade sanitária de ambos era bastante precária, e não havia sequer a percepção de um tratamento global do ser humano, que visasse o seu bem-estar geral.

A transformação dos hospitais em espaços terapêuticos, voltados para a cura, só se iniciou no final do século XVIII, e se consolidou efetivamente no século XIX, quando médicos e enfermeiras passaram a se fazer presentes nos hospitais – anteriormente, só atuavam nos hospitais de campanha<sup>2</sup>.

A partir dessa época, os hospitais se estruturaram como o espaço de tratamento da doença, onde os médicos, apoiados pelo enorme desenvolvimento dos conhecimentos das ciências biológicas durante o século XIX, exercem o seu papel de “curadores oficiais”, sobrepondo-se aos diversos saberes populares de cura que predominavam nos séculos anteriores<sup>3</sup>.

A estrutura dos hospitais como espaço de cura foi se alterando e aperfeiçoando ao longo dos séculos XIX e XX. Ao invés de local onde se depositavam os doentes crônicos, o hospital passou a ser o espaço onde o corpo doente era “curado”, a fim de ser reintegrado às

---

1 NOGUEIRA, Wellington. *A besterologia e seus efeitos colaterais*. In: Caderno Mídia e Saúde Pública II. Organização: Adriana Santos. Belo Horizonte: ESP-MG, 2007, v.2. p. 14.

2 ORNELLAS, Cleuza Panisset. *Os hospitais: lugares de doentes e de outros personagens menos referenciados*. In: Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, vol. 51, n. 2, p. 253-256, abr/jun 1998.

3 Para a história da evolução dos hospitais e a institucionalização dos mesmos, ver FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981 e ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Hospital – Instituição e História Social*. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1991.

suas funções na sociedade. O crescimento exponencial do uso da tecnologia nos tratamentos médicos, que ocorreu ao longo do século XX e início do século XXI, reforçou esse aspecto. O aparato de equipamentos e a complexidade dos saberes tornaram o hospital um local de passagem, para onde se vai a fim de recuperar a saúde e reinserir-se na sociedade.

Não obstante a diversidade das duas visões – antiga e moderna – do espaço hospitalar, não há em ambas uma percepção holística do ser humano. Se no hospital antigo depositavam-se os “desconformes” à norma social, no hospital moderno tratavam-se corpos fora dos padrões de saúde.

Mesmo com a enorme evolução tecnológica, até o século XX não se levava em conta o sofrimento psíquico do paciente que tinha sua vida radicalmente alterada ao entrar em um hospital, sendo transformado em um corpo que sofria manipulações diversas com o intuito de cura-lo.

O único apoio emocional que existia, em termos de voluntariado, eram os capelães de diversas religiões, que se concentravam primordialmente em pacientes que iriam morrer e no apoio às suas famílias; e algumas estruturas de voluntariado de visita<sup>4</sup>.

A compreensão de que não precisava ser assim, que essa lógica podia e devia ser invertida, transformando o hospital em um local mais vivo e saudável, surgiu apenas no final do século passado. Um marco relevante desse processo ocorreu em 1986, quando o palhaço Michael Christensen, diretor do *Big Apple Circus* de Nova Iorque, realizou uma apresentação no Hospital da Universidade de Columbia, NY. Ao saber que muitas crianças não iam poder assistir à apresentação, pediu autorização para visita-las em seus leitos. Vestido de “doutor palhaço” e acompanhado de outros voluntários, Christensen deu, assim, início ao grupo denominado *Big Apple Circus Clown Care Unit* – a primeira iniciativa que visou levar a figura do palhaço para as alas pediátricas dos hospitais<sup>5</sup>.

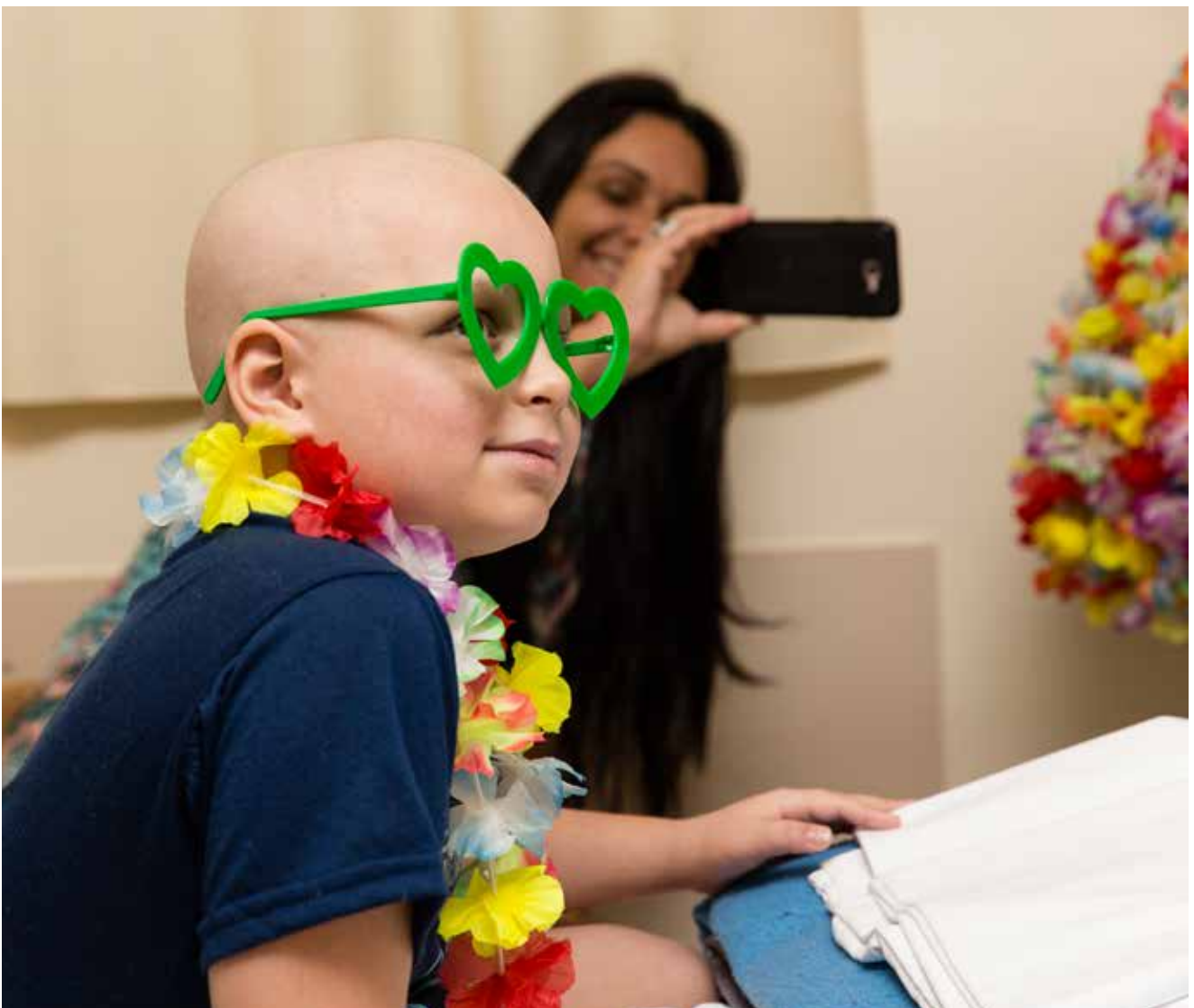
---

4 Voluntariado de visita<sup>ção</sup> é aquele feito pelos que visitam internados e família com o intuito de lhes prestar apoio, escutando-os e conversando.

5 TIAGO, Teresa, et alli. *A ação dos doutores palhaços em contexto hospitalar com crianças em risco de desenvolvimento*. In: Atas do Encontro dos Mestrados em Educação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. P. 280.

A iniciativa de Christensen alcançou tal sucesso que começou a ser replicada em outros hospitais e se expandiu para fora da pediatria. No Brasil, esse formato de intervenção em saúde chegou em 1991, quando Wellington Nogueira, brasileiro que fazia parte do elenco da *Clow Care Unit*, retornou ao Brasil e criou os Doutores da Alegria, uma ONG formada por palhaços profissionais, que atua em hospitais de São Paulo e de Recife e mantém um projeto social no Rio de Janeiro. A Doutores da Alegria se caracteriza por adotar um modelo de profissionalização semelhante ao dos Médicos sem Fronteiras, com profissionais que têm vínculo empregatício com a ONG, e que, portanto, recebem salário por seu trabalho.

Inspirados pelo sucesso dessas duas iniciativas, surgiram outras baseadas no voluntariado, como as diversas ONGs de doutores palhaços, palhaços de hospital e palhaços visita-



dores<sup>6</sup>. Não há uma estatística precisa de quantas serão no país ou no mundo, qual é o escopo de sua atuação e de como se mantém.

Entre essas ONGs está a Doutorzinhos, que atua exclusivamente em Porto Alegre, e que se caracteriza pela seriedade e alcance de seu trabalho. Com seus doutores palhaços, a Doutorzinhos vem transformando o cenário dos hospitais e angariando sorrisos e emoções positivas há doze anos.



6 O termo palhaço visitador é usado, por alguns autores, como a denominação genérica que engloba essas três categorias, mas, neste texto, adota-se a distinção entre os três. Neste texto, usam-se as seguintes definições: Doutores Palhaços são aqueles palhaços que atuam em hospitais e instituições afins vestidos como “doutores”, e usando título de doutor (como, por exemplo, o Dr. Zinho, nome de palhaço de Maurício Bagarollo, fundador dos Doutorzinhos). Palhaços de hospital são palhaços que atuam em hospitais, porém não caracterizados como doutores, e sim como palhaços. Palhaços visitantes atuam em instituições variadas, como asilos de idosos, creches, unidades de internação de adolescentes etc.



*...”Nossos hospitais modernos e as práticas médicas ao redor do mundo, todos gritam para o reconectar dessa prestação de cuidados com a compaixão, a alegria, o amor e o humor”. – Patch Adams<sup>7</sup>*

A presença dos doutores palhaços nos hospitais contribuiu, de forma efetiva e definitiva, para uma mudança de percepção do que deveria ser um ambiente hospitalar saudável. Os palhaços trouxeram risos e descontração para um local que até então se caracterizava pela rigidez das relações e rotinas. Acrescentaram um elemento humano que se revelou de grande importância no processo de recuperação dos pacientes.

Ao assumirem o papel de “doutores” e proporem “tratamentos” cômicos e inteiramente fora do padrão formal, os palhaços desmitificaram a figura do médico, o tornaram mais humano – e, portanto, mais próximo dos pacientes. Isso causou a melhora das relações entre equipe médica e pacientes e trouxe outros efeitos positivos na saúde dos internados – fatores rapidamente percebidos e que foram posteriormente verificados por estudos acadêmicos.

Os estudos realizados apontaram o impacto da presença de palhaços nos mais variados aspectos da saúde, tanto em crianças como em adultos. Eles vão desde estudos altamente específicos, como a diminuição na ansiedade no pré-operatório nas crianças e nos pais que as acompanham e a diminuição de hiperinsuflação em pacientes com Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica até outros de escopo mais amplo, como a diminuição da rejeição alimentar em crianças e a maior receptividade aos procedimentos médicos e da enfermagem<sup>8</sup>.

Os bons resultados levaram, inclusive, à uma nova vertente da atividade: a inclusão de atividades opcionais como doutores palhaços na formação de acadêmicos de medicina como forma de ampliar, nos futuros médicos, a capacidade de empatia e a visão das neces-

<sup>7</sup> Citado por RODRIGUES, André Furtado de Ayalla e NUNES FILHO, Wellington Jorge. *A utilização do palhaço no ambiente hospitalar*. In: Ouvirouver. Uberlândia: vol. 9, n. 1, jan/jun 2013, p. 74.

<sup>8</sup> TAKAHAGUI, Flavio Mitio et alli. *MadAlegria: estudantes de Medicina atuando como doutores palhaços: Estratégia útil para a humanização do ensino médico?* In: Revista Brasileira de Educação Médica. São Paulo: vol. 38, n. 1, 2014. P. 120 a 126.

sidades emocionais do paciente<sup>9</sup>.

Há, portanto, desde os primórdios do presente século, uma clara visão da relevância do papel dos doutores palhaços e palhaços de hospital e da necessidade do que se convencionou chamar de “humanização da saúde” e “humanização hospitalar” – que é a adoção de boas práticas que levem em conta não só o bem-estar físico, mas também psicológico de pacientes e da própria equipe.

Essa percepção resultou em iniciativas como a Política Nacional de Humanização da Saúde, criada em 2003 pelo Ministério da Saúde brasileiro; ou a legislação de 2015 da província de Buenos Aires, a maior da Argentina, que obriga a presença de palhaços em todos os hospitais públicos com serviços de pediatria daquela área.

### **Histórico**

Dentro desse contexto é que surgiu em Porto Alegre a ONG Doutor-zinhos, iniciada em 2006, quando o fundador da ONG, Maurício Bagarollo, começou a atuar como o Doutor Zinho no Hospital da Criança Santo Antonio, parte do Complexo Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Após uma atuação



<sup>9</sup> Idem à nota anterior.

solo por três meses, a direção do hospital o liberou para começar um trabalho de grupo. Aos poucos, o fundador foi arregimentando novos voluntários, até estabelecer o modelo atual de funcionamento da ONG.

A percepção de Bagarollo era, desde o início, a de que o trabalho voluntário demanda a mesma qualidade e aperfeiçoamento de qualquer outra atividade profissional. Isto resultou em um modelo de ONG que prima pela estruturação da atuação, exigência de treinamento continuado para os voluntários e sistema profissionalizado de captação de recursos.

A busca constante de excelência no voluntariado também trouxe o reconhecimento e crescimento. A Doutorzinhos expandiu rapidamente sua presença, e está em onze hospitais de Porto Alegre e Kinder Centro de Integração da Criança Especial. Das pouco mais de dez mil pessoas impactadas em 2006 saltou para 175 mil em 2017. As horas de treinamento para os novos voluntários saltaram de 4 para 60 horas, cumpridas antes que iniciem sua atuação nos hospitais. Posteriormente, terão que continuar se aperfeiçoando, participando de pelo menos um encontro mensal de duas horas com um dos atores e músicos profissionais da ONG, e aprendendo novas habilidades nos workshops e clownsultas oferecidos regularmente.

Ao contrário do que se possa imaginar, o grau de comprometimento que se exige dos Doutorzinhos não afasta possíveis participantes. Pelo contrário, atrai aqueles que se propõem a serem voluntários sérios e comprometidos. Na última edição da seleção para a formação de novos voluntários, realizada em abril de 2018, se inscreveram 174 pessoas em busca da oportunidade de ocupar uma das 16 vagas para treinamento oferecidas pelos Doutorzinhos.

Atualmente, os Doutorzinhos são 82 voluntários, que passaram por um treinamento exigente, dispõem-se a doar ao mínimo duas horas de seu tempo a cada semana, sempre no mesmo horário e local, e aceitam o desafio do aperfeiçoamento continuado. Mas, acreditam eles, vale à pena. A oportunidade de levar a alegria para dentro dos hospitais, transformar momentos que poderiam ser de angústia em risada e brincadeira justificam o esforço. A recompensa está nas emoções positivas que causam.

## **Formação e atuação dos Doutorzinhos**

### **Formação**



A “carreira” de um Doutorzinho se inicia com a inscrição e subsequente entrevista de seleção. A cada ano, são realizadas duas seleções, que visam preencher as vagas disponíveis quer pela expansão da atuação da ONG quer pela saída de antigos voluntários.

São realizadas entrevistas em grupo em várias datas, para contemplar todos os inscritos. Na entrevista de seleção, o futuro Doutorzinho é avaliado com um grupo de oito Doutorzinhos, coordenado por Maurício Bagarollo.

Os aprovados participam do treinamento que se estende por um mês, somando 60 horas.

No treinamento passam por três módulos: desinibição, técnicas de teatro e de palhaçaria. Também há palestras com profissionais da área de saúde, abordando assuntos variados como o controle de infecção hospitalar e os aspectos psicológicos da internação hospitalar. Não são permitidas faltas durante o treinamento.

Os que concluem o treinamento são designados para atuar em um dos onze locais atendidos pelos Doutorzinhos, de acordo com as características de seus palhaços e o horário disponível. A ONG está presente em um escopo muito amplo de ambientes. Em alguns locais, os pacientes são exclusivamente crianças. Em outros, há tanto crianças como adultos. Há bebês recém-nascidos e idosos quase centenários. Há pacientes particulares e do SUS (84% das instituições onde os Doutorzinhos atuam atendem pelo SUS). A todos eles, os voluntários levam a possibilidade de interagirem com alegria e espontaneidade.

A atuação é feita em duplas ou trios de doutores palhaços, que visitam unidades de internação, ambulatórios, emergências, unidades de terapia intensiva, áreas administrativas e de serviço e espaços de recreação, respeitando a rotina de cada paciente e da instituição, mas causando, por meio do jogo cênico, esquetes e música, uma verdadeira transformação no ambiente visitado.

### **Atualização continuada**

Para ser um Doutorzinho, entretanto, não basta concluir o treinamento e manter a regularidade das visitas. É necessário participar de uma agenda regular de aperfeiçoamento e atualização, que inclui três tipos de atividades. Cada Doutorzinho deve, obrigatoriamente, participar em pelo menos duas dessas atividades por bimestre (média de uma delas por mês), caso contrário será excluído da ONG. Todas as atividades são oferecidas gratuitamente, assim como a formação, e mantidas com recursos advindos da Lei Rouanet (ver detalhamento ao final deste item).

Para qualificar os Doutorzinhos, a ONG conta com um grupo de três atores profissionais (ver currículo no Anexo Projeto 2018) que coordenam as atividades de atualização.



**ED – Encontro de duplas** – Encontro da dupla ou trio de Doutorzinhos com um dos profissionais contratados pela ONG, que são atores profissionais especializados em palhaçaria. Visa o aperfeiçoamento técnico dos voluntários, ampliando as habilidades de cada dupla ou trio. Nesse encontro, que tem duas duração, a dupla ou trio pode trabalhar um ou mais aspectos de sua atuação, de acordo com a demanda que apresentaram quando do agendamento do encontro. Assim, uma dupla pode solicitar ajuda para aperfeiçoar sua atuação dentro dos quartos de hospital, outra pode desejar melhorar suas entradas e saídas dos quartos, outra sentirá necessidade de desenvolver novos esquetes – e assim por diante. Em 2017 foram realizadas 313 EDs.

**Clownsulta** – Com três horas de duração, a clownsulta é um encontro coletivo de aperfeiçoamento, que pode ser uma palestra ou um workshop. São feitos em média doze clownsultas por semestre. Têm a finalidade de tratar de temas específicos que venham sendo demandados com frequência pelos Doutorzinhos, como uso de músicas na atuação, apresentação em áreas com grande público etc. Em 2017 foram realizadas 21 clownsultas

**Oficinas** – realizados com profissionais altamente qualificados e reconhecidos nacional e internacionalmente, com em média doze horas de duração. Esses workshops permitem que os Doutorzinhos tenham contato e recebam ensinamentos dos melhores palhaços em atuação no país e em outros países. E, como são sempre oficinas vivenciais, em que se privilegia a atuação sobre a teoria, cada Doutorzinho tem o privilégio de ter a análise e as sugestões de profissionais de primeira linha sobre sua atuação corporal, colocação da voz, atuação, figurino, etc. Em 2017 foram realizadas seis oficinas com especialistas e quatro oficinas de música brincante.

**Visitas acompanhadas** – As visitas acompanhadas não contam como “presença obrigatória”, mas podem ser solicitadas por qualquer dupla com a finalidade de terem sua atuação observada “in loco” por um dos profissionais que dão apoio aos Doutorzinhos. Dessa maneira, recebem um *feedback* preciso acerca de sua atuação no hospital. Uma vez agendada a visita pela dupla, o hospital é avisado de que um dos assessores profissionais estará acompanhando a dupla em um determinado dia de visita. O profissional, sempre com a camiseta da ONG, observa

a dupla durante toda a visita, mantendo a distância necessária para não intervir na atuação, não invadir a privacidade de pacientes e acompanhantes e nem causar qualquer empecilho ao trabalho das equipes do hospital. Ao final da visita, reúne-se com a dupla e lhes dá o *feedback* sobre o que está funcionando bem na sua atuação, o que pode ser melhorado, como fazê-lo etc. Os pontos observados durante a visita podem ser, posteriormente, trabalhados em um ED.

### Acompanhamento da atuação

O acompanhamento da presença durante a formação, da atuação semanal nas instituições e da participação nas atividades de qualificação é feita de duas maneiras:

Como	O Que	Descrição
Lista de presença	Formação, EDs, Clownsulta, Oficinas	Lista de presença com CPF e assinatura do participante
Relatório online	Atuação semanal	Relatório preenchido online especificando data, áreas visitadas, público impactado, tempo de atuação e outros detalhes

Nome	CPF	Assinatura
Alexsander Madeira de Andrade	849.631.900-87	Alexsander Madeira De Andrade
Ana Carolina Fösch Batista	019.847.120-39	Amabaraolima/Btt.
Bruna Prauchner Vargas	029.245.380-92	Bruna P. Vargas
Camila Güntzel	035.503.570-79	Camila Güntzel
Caroline Toson	010.807.980-56	Caroline Toson
Daniel Teixeira de Almeida	957-527-220-04	Daniel Teixeira de Almeida
Fernanda Pankowski	024.748.440-74	Fernanda Pankowski
Gabriela de Almeida Saatkamp	018.755.930-98	Gabriela Saatkamp
Giullanna Resende de Lima Belmonte	018.955.930-69	Giullanna Resende de Lima Belmonte
Ivan Freitas Correa	013.677.160-20	Ivan Freitas Correa
Kaline Pereira Salgado	848.419.400-06	Kaline Pereira Salgado
Kelly Cristina Santos Streb	002.491.020-13	Kelly Cristina Santos Streb
Liliane Martins de Almada	863.670.480-49	Liliane Martins de Almada

### Atividades variadas

Além das atividades nos hospitais, a ONG tem o objetivo de realizar atividades junto à comunidade de Porto Alegre, com dois enfoques:

- Divulgar a arte da palhaçaria e oportunizar à comunidade em geral a possibilidade de vivenciar os princípios da mesma;
- Fazer isso privilegiando as camadas menos privilegiadas da população.

Para tanto, realiza palestras, cursos e oficinas. Em 2017 foram realizados:

- *Curso de Formação de Jovens Palhaços*, com 45 horas de duração, que beneficiou dezesseis jovens moradores da Ilha da Pintada;
- *Curso Brincando na Melhor Idade*, com 12 horas de duração, que beneficiou onze idosos;
- *Curso Clown para Curiosos*, aberto para toda a comunidade porto-alegrense, com 15 horas de duração. O curso teve duas edições, em junho e agosto e participaram 18 pessoas.
- *Doutorzinhos, a Peça*. Peça de teatro com esquetes que leva ao público em geral um pouco do que é ser Doutor Palhaço. A peça teve sua segunda edição em 2017, e é possível graças à parceria com o Centro Cultural-Histórico da Santa Casa de Misericórdia, que cede o seu teatro para a apresentação.





### **Recursos e parcerias**

Parceiros importantíssimos do trabalho dos Doutorzinhos são a colaboradora e os prestadores de serviço da ONG, que estão sempre apoiando e ajudando a aperfeiçoar a atuação dos voluntários. Temos quatro prestadores, que exercem as seguintes funções: Rosângela Meyer Neibert, coordenador de projetos. Rafael Moura, Fernanda Marília e Daniel Gustavo, atores responsáveis pelas EDs. Clownsultas e Visitas Acompanhadas.

Os hospitais em que a ONG atua e a Kinder são parceiros vitais. Em dois dos hospitais – Hospital da Criança Santo Antonio e Moinhos de Vento – a ONG dispõe de salas onde pode realizar algumas atividades. No Moinhos de Vento está instalada a Casa do Riso Frouxo, cedida gratuitamente por aquela instituição.

Vários dos treinamentos e a formatura dos novos Doutorzinhos são realizados no auditório da Kinder.

Além da parceria estabelecida formalmente com cada instituição onde está presente, a ONG mantém uma parceria de longa data com a AVESOL – Associação do Voluntariado e Solidariedade. Essa parceria se concretizou, em 2017, na realização dos cursos Jovens Doutorzinhos, Oficina Pais e Filhos e Oficina da Melhor Idade. A Avesol cede espaço de sua sede para a seleção, cuida da parte burocrática da documentação dos novos voluntários e seleciona as pessoas para as oficinas para a comunidade.

Os patrocinadores são de funda-



mental importância, pois viabilizam a atuação dos Doutorzinhas e todas as demais atividades da ONG, graças aos recursos que destinam por meio da Lei Rouanet. Anualmente, se estabelece um projeto de atuação, que é encaminhado ao Ministério da Cultura (ver em anexo o projeto para 2018 e o relatório de atividades de 2017).

O projeto prevê todas as despesas, que incluem desde aluguel de sala para a realização de atividades, pagamento de funcionários e prestadores de serviços até os jalecos e camisetas usados pelos Doutorzinhas.

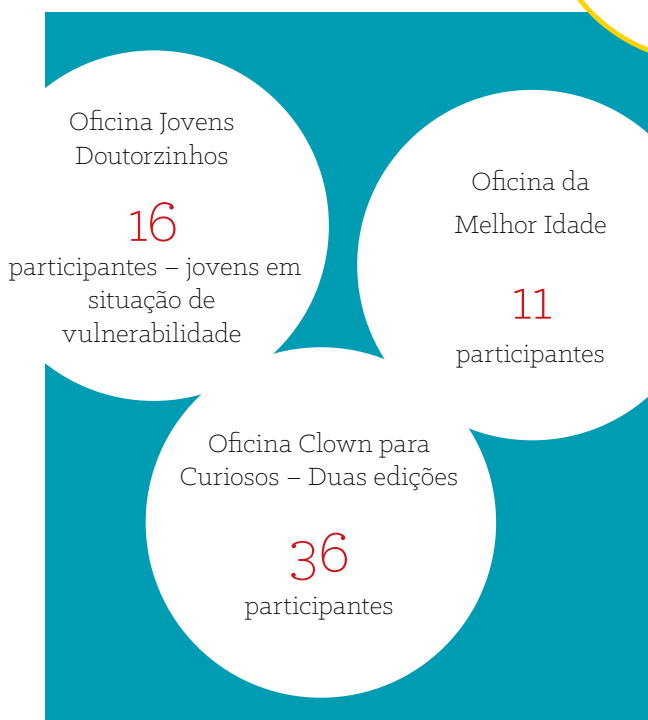
Uma vez aprovado, o projeto é apresentado às empresas, com a finalidade de angariar parcerias. Há, também, contribuições de pessoas físicas, que destinam parte do Imposto de Renda devido para os Doutorzinhas. Em 2017, a ONG contou com os seguintes patrocinadores: Unimed Porto Alegre, Beira Rio Calçados e Sulgas.

Os recursos arrecadados distribuíram-se da seguinte forma:

APLICAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS		
RECEITA	Incentivo Fiscal Federal Pessoa Jurídica	R\$ 275.001,00
	Incentivo Fiscal Federal Pessoa Física	R\$ 3.000,00
	Rendimentos de Aplicação Financeira	R\$ 5.238,87
DESPESA	Despesas operacionais	R\$ 112.419,72
	Formação e capacitação de voluntários	R\$ 144.344,75
	Oficinas para a comunidade	R\$ 7.305,00
	Divulgação	R\$ 19.170,40

**Alegria somada, alegria multiplicada: resultados obtidos e indicadores**

A aplicação desses recursos é que viabilizou a atuação dos voluntários, e resultou, no ano de 2017, em



Desde o seu início, a Doutorzinhos se encontra em um processo de contínuo aperfeiçoamento. Neste ano de 2018, e nos anos que se seguirão, não será diferente. O projeto 2018 foi aprovado pelo Ministério da Cultura, e a ONG terá a Unimed Porto Alegre e Yakult como patrocinadores para as atividades do ano:

Está previsto um aporte de R\$ 350.344,80 reais, que serão utilizados na formação, qualificação e manutenção do trabalho dos Doutorzinhos, conforme detalhado no anexo. Mais uma vez, os Doutorzinhos terão a oportunidade de se qualificarem em um patamar que poucas atuações voluntárias alcançam, por meio de EDs, clownsultas e oficinas, como a que será ministrada por Avner Eisenberg, palhaço americano famoso em todo o mundo, cujo nome de cena é *Avner, o Excêntrico*.



Este *case* demonstra que a responsabilidade social e o exercício da cidadania são um diálogo entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado. Há, por um lado, indivíduos que desejam ceder seu tempo em benefício de outros seres humanos. E, de outro, instituições e equipes de saúde que acolhem esses indivíduos para que transformem o seu ideal de bondade em atos concretos. Há uma ONG disposta a trabalhar com profissionalismo e seriedade. E há patrocinadores capazes de reconhecer esses aspectos e viabilizar economicamente a ONG.

Os diversos atores se entrelaçam, dão as mãos, formando uma mandala de boa vontade. No centro dessa mandala está a figura do palhaço, esse ser que contraria todas as regras, e que vai para dentro dos hospitais levando a sua perpétua inocência, o seu encantamento pelo mundo. É na figura do palhaço que se ancora essa mandala.

Cada vez que um desses palhaços provoca o cotidiano milagre do riso, o riso ressoa pelos corredores dos hospitais, pelos pacientes, acompanhantes, médicos, enfermeiros, trabalhadores da saúde e por todos os que formam essa mandala.

De forma sutil, mas definitiva, o riso torna o mundo melhor, ao aproximar seres humanos e criar uma cumplicidade na alegria. O riso derruba fronteiras, pois amplia os corações. O riso não é remédio, mas ajuda na recuperação do paciente, no bem-estar as equipes de saúde, acompanhantes e familiares. Torna os dias de cada um deles mais fáceis, mais humanos.

É essa possibilidade de tornar a realidade mais leve, mais generosa, que os Doutorzinhos apresentam, orgulhosamente, à banca avaliadora do Top Cidadania.

- ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Hospital – Instituição e História Social*. São Paulo: Editora Letras & letras, 1991.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1981
- NOGUEIRA, Wellington. *A besterologia e seus efeitos colaterais*. In: Caderno Mídia e Saúde Pública II. Organização: Adriana Santos. Belo Horizonte: ESP-MG, 2007, v.2.
- ORNELLAS, Cleuza Panisset. *Os hospitais: lugares de doentes e de outros personagens menos referenciados*. In: Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, vol. 51, n. 2, p. 253-256, abr/jun 1998.
- RODRIGUES, André Furtado de Ayalla e NUNES FILHO, Wellington Jorge. *A utilização do palhaço no ambiente hospitalar*. In: Ouvirouver. Uberlândia: vol. 9, n. 1, jan/jun 2013.
- TAKAHAGUI, Flavio Mitio et alli. *MadAlegria: estudantes de Medicina atuando como doutores palhaços: Estratégia útil para a humanização do ensino médico?* In: Revista Brasileira de Educação Médica. São Paulo: vol. 38, n. 1, 2014.
- TIAGO, Teresa, et alli. *A ação dos doutores palhaços em contexto hospitalar com crianças em risco de desenvolvimento*. In: Atas do Encontro dos Mestrados em Educação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

**Maurício Perondi Bagarollo (Dr. Zinho)** – Empresário, palhaço e empreendedor social

**Rosângela Meyer Neibert** – Pedagoga, produtora cultural e coordenadora de projetos da ONG Doutorzinhos

**Ligia de Azambuja Gomes Carneiro (Dra. Boroslawa)** – Jornalista, historiadora e doutora palhaça



